



## OPERAR COGNITIVAMENTE COM PENSAMENTO GEOGRÁFICO NA INTERPRETAÇÃO DE PRÁTICAS ESPACIAIS FRENTE À TEMÁTICA DA GLOBALIZAÇÃO

Daniel Rodrigues Silva Luz Neto<sup>1</sup>  
Lineu Aparecido Paz e Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

o mundo contemporâneo apresenta diversas características. Entre elas, a do processo de globalização. Esse processo reúne condições atuais de promoção da justiça socioespacial, mas tem sido usado na produção de fábricas de perversidade que se concretizam nas práticas espaciais. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é fazer uma discussão teórica sobre a importância de se operar com o pensamento geográfico na interpretação de práticas espaciais diante da temática da globalização. Para tanto, utilizou-se a abordagem qualitativa na produção e na interpretação das informações. Esta pesquisa é parte das reflexões de uma pesquisa de doutorado em andamento. Conclui-se, inicialmente, que as práticas espaciais são um conjunto de ações sociais realizadas por diversos sujeitos e que têm se intensificado com o processo de expansão da globalização contemporânea. Diante disso, operar com o pensamento geográfico pode potencializar os alunos da educação básica interpretar e atuar de forma crítico-reflexivo frente às novas demandas do mundo contemporâneo.

**Palavras-chave:** Globalização, Práticas espaciais, Cognição, Pensamento geográfico, Interpretação crítico-reflexiva.

### RESUMEN

El mundo contemporáneo tiene diferentes características. Entre ellos, el del proceso de globalización. Este proceso reúne las condiciones actuales para la promoción de la justicia socioespacial, pero se ha utilizado en la producción de fábricas de perversidad que se materializan en prácticas espaciales. En este sentido, el objetivo de este trabajo es discutir la importancia del pensamiento geográfico en la interpretación de las prácticas espaciales ante la temática del proceso de globalización. Por lo tanto, se utiliza un enfoque cualitativo en la producción e interpretación de información. Esta investigación es parte de las reflexiones que se han realizado en la investigación de doctorado de este aspirante en el período comprendido entre 2020 y 2023. Se concluye inicialmente que las prácticas espaciales son un conjunto de acciones realizadas por diferentes sujetos y que se han intensificado con la expansión del proceso. de la globalización contemporánea. Por tanto, el pensamiento geográfico cumple el rol de interpretar y actuar de forma crítico-reflexiva.

**Palabras clave:** Globalización, Prácticas espaciales, Cognición, Pensamiento geográfico, Interpretación crítico-reflexiva.

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia do Curso de Geografia da Universidade de Brasília - UnB, [danieltabuleiro1@gmail.com](mailto:danieltabuleiro1@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutor em Geografia do Curso de Geografia da Universidade de Brasília - UnB, e-mail: [lineuprofgeo@hotmail.com](mailto:lineuprofgeo@hotmail.com);



## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu das reflexões da minha pesquisa de mestrado centrada no desenvolvimento do raciocínio geográfico nas aulas de Geografia no período de 2018 a 2019, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília (UnB). No percurso do estudo, constatou-se que o raciocínio geográfico é uma dimensão do pensar geograficamente, cuja importância para os estudantes da educação básica é utilizá-lo a fim de interpretar e de atuar em suas práticas espaciais cotidianas.

Por outro lado, constatou-se também poucos trabalhos que discutem a operacionalização com o pensamento geográfico pelos alunos da educação básica. Por tais motivos, esta proposta de pesquisa está sendo realizada em um projeto de doutorado também no departamento de Geografia da UnB, com início em 2020. Diante disso, as reflexões presentes estão em estágio inicial de levantamento de dados e de discussões.

Com relação ao contexto da pesquisa, compreende-se que as práticas espaciais são um conjunto de ações sociais realizadas por atores sociais, que possibilita a produção e organização do espaço geográfico. Diante disso, os atores sociais (ribeirinhos, quilombolas, camponeses, mulheres, índios, empresários, indústrias, governos, pessoas com necessidades especiais, outros) promovem ações por meio de seus projetos para atender a objetivos individuais ou coletivos de seus respectivos grupos, os quais interagem com os demais por convergência e divergência em um movimento dialético.

Tais práticas espaciais são realizadas em processo concretizado nas dimensões indissociáveis tempo-espaço. Assim sendo, a globalização contemporânea é pautada pela intensificação da expansão da mais valia em escala cada vez mais planetária. Diante disso, os eventos espaciais são cada vez mais complexos diante dessa globalização, que é um processo complexo, dinâmico e com várias dimensões, entre elas, a da internacionalização do mundo capitalista. Essa dimensão da globalização foi se estruturando enquanto projeto de expansão com as grandes navegações (1442) pela corrida colonialista entre os países colonizadores, como Portugal e Espanha.

Na contemporaneidade, essa globalização tem como marco a unidade das técnicas, bem como sua apropriação, em grande parte, pelos atores hegemônicos que a utilizam para expandir a mais valia em escala global com maior intensidade. Dessa forma, as práticas espaciais de alguma maneira, como: o incentivo a competitividade entre lugares e atores sociais;



privatização das economias nacionais e locais; estímulo ao consumo de mercadorias e elementos culturais também transformados em mercadorias; foco na cidadania do ter e não do ser; e outros.

Diante dessa complexidade, questiona-se: qual a importância da operacionalização com o pensamento geográfico pelos alunos da educação básica? Dado o problema, objetiva-se analisar a importância da operacionalização com os elementos do pensamento pelos estudantes da educação básica na interpretação das práticas espaciais.

Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, tendo como fundamentos a abordagem metodológica qualitativa, que para Minayo, Deslandes e Gomes (2009), busca produzir significados a partir da exploração da realidade de grupos sociais e interpretá-los. Tais dados bibliográficos foram interpretados à luz da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011) e discutidos pelos fundamentos teóricos encontrados na pesquisa.

A análise de conteúdo teve um papel importante na pesquisa, pois permitiu a leitura flutuante sobre as frases encontradas nas leituras das referências bibliográficas a respeito da temática operar com o pensamento geográfico na interpretação de práticas espaciais frente à temática da globalização. Sendo assim, as categorias que foram elencadas para produzir e analisar as informações foram: práticas espaciais, globalização e elementos do pensamento geográfico - conceitos e princípios lógicos.

O presente trabalho está organizado nas seguintes seções: As práticas espaciais no contexto de mundo globalizado; A temática da globalização contemporânea; O pensamento geográfico na educação básica; Considerações finais e Referências bibliográficas.

## **AS PRÁTICAS ESPACIAIS NO CONTEXTO DE MUNDO GLOBALIZADO**

Compreende-se por práticas espaciais um conjunto de ações sociais realizadas pelos atores sociais nas espacialidades e que possibilitam a produção e organização do espaço geográfico. Diante disso, os sujeitos, como ribeirinhos, quilombolas, camponeses, mulheres, índios, empresários, indústrias e governos, promovem ações por meio de seus projetos para atender a objetivos individuais ou coletivos dos grupos sociais, os quais interagem com os demais por convergência e divergência em um movimento dialético.

Para Souza (2015), as práticas humanas são decorrentes de fatores sociais que têm também indissociavelmente conteúdos espaciais. Essas, por sua vez, de acordo com o autor, são decorrentes de projeções sociais que podem ser de várias dimensões, como as de ordem econômica, política e cultural. Assim, como, por exemplo, ações dos atores sociais



hegemônicos que tem tentado ampliar seu poder de circulação de seus produtos (objetos/financeirização) por meio de estímulo à competitividade acelerada do sistema de fluxos sob os sistemas de fixos nos territórios locais para atender anseios em múltiplas escalas.

As práticas espaciais são decorrentes de práticas sociais. Sendo assim, as práticas espaciais e sociais são constituídas de ações sociais constitutivas de espacialidade. A importância do espaço é central para que ocorram as relações socioespaciais. Em concordância com isso, Souza (2015, p. 240) afirma que “[...] para além, obviamente, do aspecto básico e banal de que não há sociedade e mesmo vida humana sem o espaço”. Dessa forma, o espaço assume um papel ativo nas práticas espaciais nas quais são realizadas ações sociais e estabelecem claramente que elas são constituídas por práticas sociais.

As práticas espaciais também apresentam vários aspectos e objetivos diversos (heteronomia e autonomia), de acordo com os agentes que as praticam ou elaboram suas ações. Assim, elas podem ser para heteronomia, em que se cumpre uma projeção de determinados atores sociais impostos por um conjunto de leis determinadas para outros grupos sociais, ou podem direcionar para a autonomia, em que se constituem de projetos emancipatórios de grupos sociais construídos na/para a vida cotidiana.

Para decifrar as práticas espaciais é necessário esmiuçar o espaço (SOUZA, 2015). Assim, infere-se que a organização do espaço é constituída por práticas espaciais, bem como sua produção. Assim, as práticas espaciais são subconjuntos das práticas sociais dos diferentes atores sociais com diferentes objetivos que culminam também em movimentos simultâneos de divergência e convergência.

Assim, a prática espacial é uma prática social. Diante disso, as práticas espaciais se constituem de diferentes ações em diversas dimensões da sociedade e de grupos sociais. Esses movimentos de tais grupos constituem as práticas espaciais decorrentes das necessidades dos atores sociais, que podem ter intenções heterônomas e autônomas em interações dentro dos sistemas de objetos e sistemas de ações no espaço geográfico.

Souza (2015) diz que, para além do espaço banal, não existe sociedade e mesmo vida humana sem o conteúdo espacial. Sendo assim, pode-se afirmar que as práticas espaciais, subjetivas das práticas sociais, precisam dos terrenos (concreto, psicológico, digital, ciberespaço) para que as ações aconteçam e se construa a concreticidade dos projetos intencionais ou necessidades banais dos seres humanos.

As práticas espaciais, para finalizar a discussão das ideias de Souza (2015), podem servir a propósitos diversos, entre eles, a dos atores sociais hegemônicos e insurgentes. Em primeiro lugar, os atores hegemônicos atendem aos grandes interesses globais das classes dominantes.



Entretanto, as práticas espaciais insurgentes dizem respeito a ações que visam à transformação da realidade, a qual é a defesa deste trabalho em prol de construir um ideário progressista que se direcione para a redução das desigualdades sociais e promova uma outra globalização com justiça socioespacial. A construção de um ideário progressista diz respeito, de acordo com Santos (2015), à formação da mente das pessoas para compreenderem as contradições e as possibilidades do movimento da totalidade na vida cotidiana. E, partindo-se disso, desenvolver projetos políticos que possam construir por meio do instrumento político um outro mundo, uma globalização solidária.

Na concepção de Lefebvre (2006), as práticas espaciais são projeções sociais feitas sobre determinado espaço e que estabelecem relações com a sociedade inteira. Dessa forma, as práticas espaciais são produtos da sociedade, constroem e organizam o espaço geográfico. Tal espaço é produzido pela ideia, ou ideação, que por sua vez produz sua natureza, desembocando na produção do trabalho, do conhecimento e da tomada de consciência ou não sobre os processos espaciais.

Para o autor supracitado, o espaço produzido serve também de instrumento de dominação, de controle e resistência. Assim, o espaço é concreto, mas também um instrumento do pensamento, que propicia ações e reações na produção espacial da sociedade. Sendo assim, as práticas espaciais englobam a produção e a reprodução dos lugares, os quais têm códigos específicos que asseguram sua continuidade em relativas coesões em suas dinâmicas.

A perspectiva de Lefebvre (2006) põe a relação triádica entre o social, o espaço e a prática. Assim, o movimento da sociedade se dá em dimensões espaciais, constituindo-se em práticas espaciais, e sua compreensão se dá quando se decifra o espaço e seus elementos constituintes. Para tanto, elas podem ser compreendidas pelo espaço percebido, concebido e vivido.

Os espaços vividos se produzem e reproduzem nos espaços banais das representações simbólicas, as quais acompanham os seus habitantes. Os espaços percebidos estão associados à realidade cotidiana, às ações e produções geográficas que estão presentes na vida cotidiana das pessoas, o espaço banal. O espaço percebido é a base da prática da percepção do mundo exterior e é mobilizado por uma análise teórico-conceitual de acadêmicos, planejadores, artistas, cientistas, que possibilitam identificar e analisar o vivido e o percebido. Para a concepção desse espaço, faz-se necessário mobilizar conceitos como instrumento do pensamento para analisar e interpretar, como forma, estrutura e função.

Tais práticas espaciais têm sido influenciadas e impactadas em virtude das interferências do processo de mundo globalizado, que será discutido na próxima seção.



## **A TEMÁTICA DA GLOBALIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA: A DIMENSÃO DA EXPANSÃO DO MUNDO CAPITALISTA**

A globalização é um conceito complexo, com vários significados e dimensões, como as econômicas, as políticas e as culturais (SANTOS, 1997). Para Santos (2015), a globalização é um processo de internacionalização do mundo capitalista. Sendo assim, compreende-se nesta discussão como globalização um processo de expansão do mundo capitalista.

Para Santos (2015), vivemos em um mundo confuso. Os novos materiais precisos e intencionais denunciam processos de autorização. Toda essa confusão é instaurada por meio da produção de uma globalização perversa narrada em um discurso único criado pela informação a serviço do império do dinheiro. Isso impõe uma monetarização também da vida social. Dessa forma, o dinheiro passa a ser uma espécie de fundamentalismo das práticas espaciais, passando a mediar as relações de forma imperiosa e alienante.

Para Massey (2015), a globalização atual é um projeto construído por um imaginário propagado por uma narrativa única de inevitabilidade. Assim, tal narrativa propaga que existem forças as quais não se pode evitar, assim como a força da gravidade universal. A autora cita uma fala do ex-presidente dos Estados Unidos Bill Clinton, que disse que não se pode mais resistir às atuais forças da globalização.

Tal narrativa de globalização neoliberal nega a multiplicidade e coexistência de atores e ações na espacialidade. Assim, um país como Moçambique, por exemplo, teria o mesmo processo histórico-geográfico que o Brasil, fato não verídico (MASSEY, 2015). Isso porque a espacialidade contempla multiplicidade e coexistência de tempo e de espaço produzido nas ações de produção e organização do espaço geográfico.

Nesse sentido, para a autora, a globalização atual aponta para uma sequência histórica linear que desconsidera a pluralidade e coexistência de outras histórias. Porém, existem outras histórias, com outras narrativas, as quais podem construir outros futuros e realidades que não somente as que estão postas.

Para Massey (2015), outra ideia construída no imaginário é que existe uma instantaneidade universal para todos em um mundo só, uma aldeia global. Mas, naturalmente, não há nenhum momento único de maneira integrada. O que existe é uma natureza complexa e desigual, especialmente na comunicação global, quando na verdade, o que existe é uma multiplicidade de acontecimentos que se interconectam no contexto da totalidade.





Desenvolver e mobilizar o pensamento geográfico na educação básica é de extrema importância para se interpretar as dinâmicas das práticas espaciais do processo de globalização. A respeito desse processo, o geógrafo Milton Santos, em uma entrevista ao programa de TV Roda Viva, em 1997, diz que a globalização é a unicidade de vários fatores que reuniram condições materiais para uma globalização com justiça socioespacial. Essas condições estão sendo usadas por grandes grupos em interesses próprios e difusos espacialmente, e que promovem perversidades (SANTOS, 1997).

Para o autor, a construção de uma outra globalização, justa, é possível, pois as condições materiais e os movimentos históricos mostram isso. Para tanto, Santos (1997) diz que é necessária a construção da consciência cidadã das condições propiciadas pela globalização. A construção dessa consciência se dá, na perspectiva do autor, pela produção de conhecimento científico, que, por sua vez, pode viabilizar a construção de ideários, os quais permitem que os sujeitos se mobilizem politicamente e com consciência das condições em prol da construção de um projeto de uma outra globalização justa (SANTOS, 1997). Feito isso, ampliam-se as possibilidades de organização e de ações em prol de justiça socioespacial.

Diante da fala de Santos (1997), a construção do ideário e das ações para uma outra globalização, o trabalho intelectual e, por conseguinte, dos intelectuais é central nesse processo. O autor faz uma crítica aos grupos brasileiros, com quem se concorda, de fechamento em si mesmo, pois prejudicam, de certa forma, a interação e a construção de ideais para se construir uma formação e atuação cidadã crítico-reflexiva no Brasil.

Para Santos (2015), a globalização é o auge do processo de internacionalização do modo de produção capitalista iniciado desde as grandes navegações, no século XV e XVI. E que hoje, no período técnico-científico-informacional, vem por meio das técnicas (meios de transportes, instrumentos de trabalho, meios de comunicação, outros) apresentar uma possibilidade de expansão cada vez mais intensa.

Diante dessa situação, tal processo, conjuntamente com o movimento socioespacial, apresenta-se no cotidiano como fábula, perversidade e possibilidade. Os fatores que configuram essa globalização atual são a unicidade das técnicas, convergência dos momentos, motor único representado pela mais valia global. A apropriação desses elementos pelos atores hegemônicos em prol de ampliar essa mais valia em escala planetária produz-se a globalização perversa (SANTOS, 2015). Por outro lado, a unidade técnica pode ser usada para construir outra globalização, outras condições as quais já se encontram em processo de produção, pelos periféricos, comunidades tradicionais, entre outros.



As narrativas são muito bem construídas no atual contexto contemporâneo. Para Santos (2015), às fabulações são construídas para dizer que se vive uma aldeia global, que diz respeito ao acesso à comunicação do mundo de forma instantânea. Diante disso, o mito propagado é de que hoje se saberia o que acontece em qualquer lugar do planeta instantaneamente.

A ideia da aldeia global é um discurso construído, pois as informações são apropriadas e espalhadas com conteúdos interesseiros. Assim, ao invés de informar, ela confunde ou até mesmo distorce a realidade.

## **O PENSAMENTO GEOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Na última parte do século XX, houve mudanças substanciais na natureza do conhecimento geográfico, pois surgiram novas demandas cognitivas. Por consequência disso, emergiu a necessidade de indagar “o porquê”, “como”, “o quê” e “onde” dos fenômenos no espaço. Isso fez com que o conhecimento geográfico passasse da ênfase na forma para a ênfase no processo (GOLLEDGE, 2002).

Um dos grandes questionamentos de Golledge (2002) é por que os geógrafos não se preocuparam em saber como pensam da forma que pensam. Por isso, o autor buscou respostas durante 35 anos de pesquisa para entender essa problemática de conhecer a natureza do pensamento geográfico.

A Geografia tem uma base de conceitos e de linguagem que não é facilmente assimilável, por isso precisa ser ensinada na escola ou na universidade. Esses fundamentos permitem fazer com que os sujeitos possam interpretar as práticas espaciais. Golledge (2002) diz que a Geografia tem uma base para conhecer a realidade, bem como a linguagem, que não são facilmente acessíveis. Por isso, precisam ser ensinados a fim de se fazer interpretações e alterar comportamentos. Assim sendo, em concordância com o autor, esses conceitos são ricos e baseiam os modos de pensar geográfico.

O desenvolvimento do pensar geográfico tem sido dificultado porque a Geografia não desenvolveu um vocabulário amplamente aceito (GOLLEDGE, 2002). Concorda-se com o autor que se deve focar na mediação pedagógica no desenvolvimento do pensamento geográfico usando os conceitos e princípios geográficos a fim de estimular os sujeitos a se apropriarem deles para interpretar e atuar em suas práticas espaciais cotidianas.

O estímulo para operar com o pensamento geográfico pode ser feito pelo professor de Geografia, uma vez que ele pode enquanto um mediador do processo pode criar condições de aprendizagem por meio de várias estratégias pedagógicas. Dessa forma, ele pode utilizar de





trabalho de campo, aula dialógica, desenhos, debates, games, projetos pedagógicos, situações-problemas, entre outras possibilidades. Na nossa pesquisa de doutorado está em andamento a aplicação de situações-problema com alunos do ensino médio para estimular o pensamento geográfico, várias são as possibilidades de acordo com o contexto e a habilidade do docente em utilizar a estratégia em lhe seja possível e que ele saiba mobilizá-la.

Para Spink *et al.* (2013), pensar é uma construção social decorrente da interação social. De acordo com os autores, o pensamento não é algo que as pessoas possuem na sua cabeça, mas é construído socialmente. Sendo assim, as formas de pensar são construções sociais, entre elas, a do pensamento geográfico.

Pensar é inerente à condição humana, pois os seres se constroem pelo pensamento. Ele promove a capacidade de imaginação, de raciocínio, que possibilita a atuação no espaço geográfico. Para isso, as sociedades humanas, ao longo da História, criaram diversas formas de pensamento geográfico (COPATI, 2019).

Para Claval (2015), o pensar geográfico sempre esteve presente nas nossas práticas, nas habilidades e conhecimentos mobilizados no dia a dia. Antes de se tornar ciência, produziam-se conhecimentos empíricos e propiciavam a utilização de habilidades nas práticas diárias.

Aragão (2019) defende o pensamento geográfico como uma capacidade cognitiva que permite aos jovens escolares interpretarem os fenômenos espaciais em uma dimensão multiescalar. Dessa forma, o autor desenvolve sua ideia em torno do conceito de escala, que se pode compreender também como princípio lógico, como aporte para desenvolver o pensamento geográfico dos alunos na educação básica.

González (2015) diz que o pensamento geográfico envolve muitos fatores e processos cognitivos referentes aos fenômenos espaciais, como questões territoriais, relação sociedade-natureza, mudanças globais, desenvolvimento sustentável, dentre outros.

Para Santos (2020), pensar geograficamente perpassa pelo desenvolvimento e operação pelos conceitos geográficos, os quais constituem instrumentos cognitivos para a realização de análises geográficas. Diante disso, os conceitos como espaço, território, paisagem, região, natureza, outros e princípios lógicos da como localização, delimitação, dentre outros, são instrumentos operados no cognitivo dos sujeitos para análise geográfica.

Para Cavalcanti (2019), a função da Geografia na escola é a formação dos alunos para pensar geograficamente. E este pensar está inter-relacionado ao ser e ao atuar. Assim, a forma de pensar geográfica leva o discente também à ação nas suas práticas como um todo. Para a autora, “assim, ressalta-se o pensar, mas em sua necessária inter-relação entre pensar, ser e atuar, o que atribui relevância social ao estudo da Geografia” (CAVALCANTI, 2019, p. 11).



No mundo contemporâneo e suas complexidades, em virtude de suas variantes atuantes, sejam confluentes e divergentes, não é tarefa simples se fazer interpretações e atuar diante desses arranjos. Desses aspectos que convivem conjuntamente, estão os relacionados ao processo de globalização da internacionalização do mundo capitalista.

Nesse contexto, o estímulo ao pensamento geográfico dos estudantes na escola é uma das possibilidades de mediação diante desses desafios postos por essas influências. Diante disso, operar com o pensamento geográfico pode contribuir para a interpretação e a atuação diante das práticas espaciais contemporâneas de maneira crítico-reflexiva. Para tanto, de acordo com Golledge (2002), o pensar geográfico deve estar estruturado na linguagem própria da geografia, tanto em seus conceitos como em seus princípios lógicos.

Os conceitos são ferramentas cognitivas importantes para a análise geográfica. Para Souza (2015, p. 11), “se os conceitos são nossas ferramentas, precisamos, para o complexo trabalho de pesquisa socioespacial, nos valer de toda a nossa caixa de ferramentas”.

Segundo Moreira (2015), o saber geográfico deve estar estruturado nos seus conceitos (espaço, território, paisagem, lugar, paisagem) e princípios lógicos (localização, delimitação, escola, rede, conexão, descrição). Logo, o pensamento geográfico é um instrumento da cognição humana potencial para a emancipação dos sujeitos no atual contexto de mundo globalizado, pautado pela contradição, mas que ao mesmo tempo, há possibilidades de construção de outras globalizações que sejam a partir do/no território onde ocorrem suas práticas espaciais cotidianas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O mundo contemporâneo é marcado pela complexidade nas configurações das práticas espaciais, as quais são realizadas por uma multiplicidade de atores sociais. Tais ações coexistem e ocorrem de maneira confluyente e divergente. Por tudo isso, não é tarefa simples se fazer interpretações e atuar diante desses arranjos socioespaciais. Desses aspectos que convivem conjuntamente, existem os atores hegemônicos a comando do processo de globalização da internacionalização do mundo capitalista de tentar imperar nos territórios em prol de maximizar a mais valia global.

Nesse contexto, o estímulo ao pensamento geográfico dos estudantes na escola é uma das possibilidades de mediação diante desses desafios postos por essas influências de comando de grandes atores, como empresas e organismos internacionais (Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional). A forma como essa globalização é posta intensifica as relações nas



práticas espaciais, mas também coexistem outras existências dentro dessas práticas espaciais. Assim, a globalização se apresenta como fábula, perversidade e também como possibilidade frente às práticas espaciais cotidianas.

A globalização como fábula ocorre quando ela é apresentada como uma narrativa homogênea, sem contradição e todo o mundo participa do banquete de maneira igual. Já a globalização se refere às contradições diante das produções e realizações de ações dos atores hegemônicos que têm objetivos de expandir o capital cada vez mais global em vários territórios. A globalização como possibilidade pauta-se na construção de outras viabilidades políticas, econômicas e culturais a partir do espaço banal dos sujeitos. Assim, partindo-se de seus contextos e condições objetivas materiais, há as possibilidades ocorrem por meio da apropriação das técnicas de construir outras práticas espaciais com justiça socioespacial.

Portanto, o desenvolvimento e operacionalização com elementos do pensamento geográfico é uma possibilidade importante para que os sujeitos possam interpretar e atuar diante da globalização contemporânea de maneira crítico-reflexiva. E isso pode levar os sujeitos ao processo de emancipação humana e à construção da globalização solidária que está em processo de construção pelos atores não-hegemônicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **A análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Neto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

COPATTI, Carina. **Pensamento pedagógico geográfico e autonomia docente na relação com o livro didático**: percursos para a educação geográfica. 2019, 274 f. Tese (doutorado) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Campus Ijuí). Educação nas Ciências, 2019.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia**: o ensino e a relevância social. Goiânia: C&A Alfa, 2019.

CLAVAL, Paul. **A terra dos homens**. Tradução Domitila Madureira. 1. ed. 2ª impressão. São Paulo: Contexto, 2015.

GONZÁLEZ, Rafael de Miguel. Del pensamiento espacial al conocimiento geográfico a través del aprendizaje activo con tecnologías de la información geográfica. **Giramundo**: Revista de Geografía do Colégio Pedro II, v. 4, n. 2, p. 7-13, jul/dez. 2015.

GOLLEDGE, Reginald G. The nature of geographic knowledge. **Annals of the Association of American geographers**, v. 92, n. 1, p. 1-14, 2002.



LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000), 2006.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogerio Haesbaert. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Rio de Janeiro: vozes, 2009.

SANTOS, Luline Silva Carvalho. **Pensamento Geográfico**: o desafio da formação inicial em Geografia. 2020. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SANTOS, Milton. **Um dos maiores geógrafos brasileiros, disserta sobre globalização e o papel do intelectual na política nacional**. Youtube. 1h26m23s. TV Cultura, 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xPfkIR34law>. Acesso em: 25 fev. 2021

SPINK, Mary Jane; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentido: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, M.J. (org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.